

**A ILUMINAÇÃO ARTIFICIAL E SUA RELAÇÃO COM A HOSPITALIDADE
URBANA, NA PRAÇA SALDANHA MARINHO E SEU ENTORNO – SANTA MARIA
(RS)**

Rosemeri de Oliveira Garcia

Graduada em Geografia - Centro Universitário Franciscano
elsbeth.geo@gmail.com

Elsbeth Leia Spode Becker

Professora adjunta na Área de Ciências Humanas do Centro Universitário Franciscano
elsbeth.geo@gmail.com

Resumo

Este trabalho objetivou determinar a relação entre luminosidade artificial e hospitalidade urbana, na Praça Saldanha Marinho e seu entorno, na cidade de Santa Maria, RS, no período natalino de 2011. A metodologia consistiu na revisão bibliográfica e na abordagem conceitual da paisagem urbana e da hospitalidade. Foi utilizada a perspectiva geográfica e social, a partir das obras clássicas e contemporâneas, especialmente, de Milton Santos, Kevin Lynch e Lúcio Grinover, para assim, fazer a relação entre paisagem urbana e hospitalidade com a iluminação artificial. A análise da paisagem, sua subjetividade na construção da hospitalidade e a interpretação do sentimento de identidade e de pertencimento foram embasadas nas pesquisas e buscas nos meios de informação da mídia escrita, (Jornal Diário de Santa Maria e Jornal A Razão), e da seleção de trechos interpretados e transcritos a partir destes veículos formadores de opinião. Constatou-se a premissa de que a introdução da iluminação pública urbana, com as cores do natal, na Praça Saldanha Marinho e seu entorno, foi um importante componente desencadeador para a (re)territorialização da Praça e o convívio da população em suas múltiplas expressões sociais e culturais. A luz e o imaginário coletivo revigoraram o espaço e incentivaram a prática da hospitalidade. Foi possível confirmar a influência da iluminação artificial na interação do espaço urbano com a população na Praça Saldanha Marinho e seus arredores, evidenciando locais históricos e representativos no imaginário coletivo.

Palavras-chave: Paisagem. Hospitalidade. Identidade. Imaginário coletivo.

**THE ARTIFICIAL LIGHT AND THE RELATION WITH URBAN HOSPITALITY,
IN PRAÇA SALDANHA MARINHO AND ITS SURROUNDINGS – SANTA MARIA
(RS)**

Abstract

This study aimed to determine the relationship between artificial lighting and urban hospitality in Saldanha Marinho Square and its surroundings in the town of Santa Maria, RS, during 2011 Christmas period. The methodology consisted of a literature review and

Recebido em 28/05/2013 / Aprovado para publicação em 16/06/2015.

OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.7, n.18, p. 124-149, set. 2015.

conceptual approach of the urban landscape and hospitality. We used a geographic and social perspective to make the relationship between urban landscape and hospitality with artificial lighting, from classic and contemporary literature, especially Milton Santos, Kevin Lynch and Lucius Grinover. The analysis of the landscape, its subjectivity in the hospitality construction and the interpretation of the identity and belonging sense were based on surveys and searches in the print media, (Jornal Diário de Santa Maria e Jornal A Razão), and on the selection of shares interpreted and transcribed from these opinion maker media . We found that the introduction of urban street lighting, with Christmas colors in the Saldanha Marinho Square and its surroundings, was an important component to carry the (re) territorialization of the Square and the population living in its multiple expressions social and cultural. The light and the collective imaginary invigorated the space and encouraged the practice of hospitality.

Keywords: Landscape. Hospitality. Identity. Collective imagination.

Introdução

No imaginário popular, a noite esteve atrelada a todo tipo de perigo. Os espaços públicos somente eram usufruídos após o pôr do Sol quando a luz artificial, como a fogueira, ou a luz natural do luar, permitia.

Com o desenvolvimento da iluminação pública e, particularmente, com a difusão da eletricidade, o modo de vida das populações sofreu modificações. Gradualmente, o cotidiano deixou de ser ditado pela sucessão do dia e da noite, e foi-se ajustando mais à necessidade da sequência das tarefas e das funções humanas.

A luz artificial transformou-se num instrumento que permite dar visibilidade e novos significados às paisagens noturnas. Contribuiu, de forma decisiva, para campanhas de publicidade, na valorização de monumentos, de arquiteturas e de espaços públicos. Desempenhou, também, um papel importante na possibilidade para a criação de laços de identidade entre as pessoas e os lugares onde habitam, por meio de eventos culturais, especialmente, aqueles que mexem com o imaginário e a emoção das pessoas, como por exemplo, as manifestações religiosas.

A cidade de Santa Maria (RS), com suas luzes de Natal em 2011, mexeram com o imaginário e a emoção de seus habitantes, que reafirmaram laços de identidade e de emoção com a sua cidade. Isso teve um magnífico efeito. Juntos, luzes e habitantes formaram um ‘espetáculo grandioso’ no Natal de 2011 na cidade.

Com isto, a luz artificial assegurou uma melhor leitura do espaço noturno de Santa Maria, especialmente na Praça Saldanha Marinho e arredores, e oportunizou o lazer, na criação do bem-estar e na possibilidade da apropriação noturna do território.

Assim, a questão de pesquisa que se estabelece é: “Quais são e como se organizam as inflexões sobre a sociedade, a identidade e a hospitalidade” introduzidas pela dinâmica da luz artificial no contexto do espaço urbano de Santa Maria (RS), no Natal de 2011?

O presente estudo pretende relacionar a luminosidade artificial e a hospitalidade urbana, na cidade de Santa Maria (RS), em 2011, considerando especialmente a data mais festiva da cristandade, o Natal. Esta data caracteriza-se, no mundo inteiro, por simbolizar paz e reunir pessoas com o mesmo propósito humanitário. As luzes, além de decorar, trazem alegria, esperança e conforto para a espiritualidade, pois, nesta época do ano, as pessoas buscam de certa forma, uma harmonia interior e com seus semelhantes. Em ambientes urbanos, as luzes artificiais favorecem o convívio e fazem com que as populações se apropriem e utilizem determinadas áreas como as praças públicas. Estas áreas específicas são marcadas, geralmente, pela memória de acontecimentos do passado e por novas relações, desencadeadas, muitas vezes, por meio de revitalizações e iluminações artificiais executadas pela gestão pública. Elas promovem e geram uma atratividade do local, não apenas para aqueles que ali vivem, mas também para os que residem nos bairros e para quem vem de fora, os visitantes e os turistas. Neste sentido, torna-se importante estudar a luminosidade artificial introduzida pela gestão pública municipal na Praça Saldanha Marinho, no centro da cidade de Santa Maria (RS), e relacionar com a hospitalidade urbana, uma vez que a luz, seja artificial ou natural, sempre exerceu uma forte influência no imaginário da humanidade, desde as estrelas utilizadas para a orientação no espaço até da vela acesa que remete à espiritualidade.

Para encaminhar o estudo foi estabelecido o objetivo principal: Determinar a relação entre luminosidade artificial e hospitalidade urbana, na Praça Saldanha Marinho e seu entorno, na cidade de Santa Maria, RS, no período natalino de 2011; e os objetivos específicos: a) Compreender a importância da luz artificial na valorização dos espaços urbanos; b) Analisar a apropriação noturna do território da Praça Saldanha Marinho para espaços de lazer e de bem-estar; c) Avaliar a influência da iluminação artificial na hospitalidade dos cidadãos Santa-marienses; d) Inferir sobre a relação entre a luminosidade artificial e o sentimento de identidade e de pertencimento da população à cidade de Santa Maria.

Referencial teórico

A paisagem é aquilo que se vê. Ver significa conhecer e perceber, compreender e interpretar. Cada um vê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam (BOFF, 2004). Para entender como alguém vê, é necessário saber como são seus olhos, ou seja, qual é a sua vivência cotidiana e a sua visão de mundo.

Para compreender a visão de mundo de alguém, é essencial compreender e conhecer o lugar social, pois toda paisagem está imbuída dos sentimentos de quem nela vive e de quem a olha.

Por isso, as vezes o conceito de paisagem é distorcido, pois muitos a entendem como somente sendo aquilo que é natural e que é constituído de natureza. No entanto, apesar da paisagem ser apenas o domínio do visível e aquilo que a visão alcança, ela não é estática, mas está em constante movimento e é, também, dinâmica no tempo.

A paisagem é formada não só por volumes, mas também por cores, odores, movimentos, sons, em suma, é o conjunto daquilo que se vê e sente; é a síntese da percepção causada no espectador.

A paisagem apresenta várias escalas e varia, dependendo do local onde se está, bem como o tempo que ali se está, pois ela é uma sobreposição de momentos diferentes em vários estágios da história. Por exemplo, quando se está localizado diante de uma cidade como Santa Maria, no Rio Grande do Sul, observa-se uma determinada cena. Ela mudará no minuto seguinte, pois o vento já terá derrubado folhas e as pessoas terão mudado de lugar. A paisagem modifica-se no tempo e transforma-se no espaço.

Geralmente, são considerados dois tipos de paisagem: a paisagem artificial e a natural. A artificial é aquela transformada pelo homem, pois a produção do espaço artificial é resultado da ação dos homens interagindo sobre o espaço existente. Ainda pode-se acrescentar que, quanto mais complexa for a vida social, mais a paisagem artificial será evidente, por causa da imensa diversidade de edificações, cores, funções e formas exigidas por esse tipo de sociedade.

A paisagem natural é aquela que ainda não foi modificada pelo ser humano. Esta paisagem encontra-se praticamente inexistente e quando existe, possui interesses políticos e/ou econômicos na frente de outros, considerados mais importantes, como de preservação, pesquisa, entre outros (SANTOS, 1997). O autor ainda alerta que “*as mudanças ocorrentes*

na paisagem são quantitativas, mas também qualitativas”. De acordo com ele, as cidades são cada vez mais um meio artificial, pois até mesmo no início dos tempos modernos elas ainda contavam com jardins, que foi se tornando ainda mais raro: “*a paisagem urbana é cada vez mais um meio artificial, fabricado com restos da natureza primitiva, crescentemente encoberta pelas obras dos homens*” SANTOS (1997, p. 42).

O homem, aumenta a integração com os complexos prédios, local onde passa a maior parte de seu tempo. A paisagem natural fica ainda mais restrita, já que a adição do artificial ao natural está sempre presente.

E neste contexto, faz-se uma relação da hospitalidade e da luminosidade, que também são uma forma de ação antrópica na paisagem onde o homem projeta seus interesses. A paisagem deve ser pensada, procurando sempre perceber, também, o invisível. E o invisível além de tantos outros fatores, é descobrir, na paisagem urbana, a hospitalidade por meio do odor, som, luz, vento e do barulho do cotidiano. Neste aspecto, a paisagem tem colaborado para a melhoria das condições de vida nos centros urbanos, quando determinadas áreas servem de abrigo, sombra, conveniência e mesmo como local para um descanso rápido, adquirindo um misto de hospitalidade no imaginário do usuário.

Com o crescimento populacional das cidades, depara-se com a falta do planejamento urbano. Enquanto espaço favorável às relações sociais, o espaço urbano é um território que se mobiliza para acolher. A paisagem não tem nada de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. Cullen (1971, p. 30) afirma que:

Ao homem não basta às galerias de pintura; ele necessita de emoção do dramatismo que é possível fazer surgir do solo e do céu, das árvores e dos edifícios, dos desníveis e tudo o que o rodeia, através da arte do relacionamento.

Especificamente, o espaço deste estudo, a Praça Saldanha Marinho e seu entorno, traz em seu contexto os bancos, as árvores, o chafariz, a avenida, os prédios, as pessoas, entre outros, que constituem elementos da paisagem usufruída por centenas de pessoas todos os dias, embora distintas.

Cada cidadão tem determinadas associações com partes da cidade, e a imagem que ele faz delas está impregnada de memórias e significados.

As praças historicamente têm o papel de reunir pessoas para lazer, comércio ou manifestações culturais, e sua natureza e seus equipamentos podem ser realçados pela iluminação.

A vegetação e os acidentes geográficos podem ser explorados com efeitos muito estimulantes. A iluminação pública é uma peça importante para o modo como o indivíduo se vê, é visto sentido e/ou percebido. Estas são formas individuais de percepção que atuam direta ou indiretamente na projeção que se terá sobre um lugar, antes considerado sem vida, que passa ser observado pela iluminação. A Praça Saldanha Marinho e suas esquinas são pontos importantes na estrutura da cidade. Neles a atenção do observador tende a ser redobrada, e, por isso, elementos posicionados junto a essas intersecções são mais facilmente notados e utilizados como referência. Daí a colocação dos anjos e da gigantesca árvore artificial natalina posicionados estrategicamente em pontos que obrigam as pessoas a ter mais cuidados ao transitar. Ao associar a hospitalidade à paisagem, busca-se demonstrar uma linha de raciocínio que vai além das dimensões físicas/estruturais, sem excluí-las, perceptíveis ao indivíduo, que tem capacidade para distinguir elementos hospitaleiros ou hostis em uma cidade.

As cidades possuem um conteúdo e uma vida social diferenciada durante o período noturno, de tal maneira que as relações entre pessoas, e entre elas e o espaço poderiam ganhar um novo significado. O espaço público urbano poderia suscitar novos olhares.

Tais relações não podem ignorar a importância de outros elementos que definem o cenário da vida urbana, como, por exemplo, a paisagem urbana antes e depois, as funções dos objetos e dos comportamentos. Lynch (2011, p. 11) salienta que:

A qualidade de um objeto físico que lhe dá uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador, refere-se à forma, cor ou arranjo que facilitam a formação de imagens mentais dos ambientes fortemente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis.

Assim, a opção por concentrar as reflexões sobre a relação entre luminosidade, paisagem urbana e hospitalidade oferece a oportunidade do reconhecimento de um elemento fundamental da vida urbana que é a hospitalidade sem, é claro, ignorar outros elementos que constroem, em conjunto, o cenário noturno da vida pública das cidades (LYNCH, 2011).

O referido autor afirma que é importante ter claro que a legibilidade é aquela proveniente dos aspectos visuais da cidade, mais especificamente o visual do lugar a ser percebido, ou seja, não leva em consideração esquemas não-visuais, tais como numeração de ruas ou outros sistemas que podem contribuir para a legibilidade, mas não são ligados à imagem da cidade especificamente.

Santos (2006, p. 201) aponta que: *“para uma nova percepção de concepção espacial que ultrapasse as fronteiras do físico, do ecológico, é preciso abranger a problemática do social”*, vislumbrando toda uma história que evolua com igualdade para todos, em qualidade de vida segurança e bem-estar da população, e a luz tem esse poder de fornecer certos privilégios que torna hospitaleiro determinados lugares.

O espaço, segundo Santos, (2004, p. 26) deve ser considerado como *“um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro, a vida, que os preenche e os anima”*, ou seja, *“a sociedade em movimento”*.

A cidade se movimenta acompanhando seu modo de acolher, tanto àqueles que aqui residem como aos que nela chegam. O que se percebe é que a iluminação dos espaços urbanos dá vida à paisagem e cria nova forma de viver e conviver na cidade. Além disso, as luzes na cidade representam um ideal de vida que amplia o sentido do público. A redescoberta da necessidade de convívio e de vizinhança, como reação aos preceitos mecanicistas do modernismo, trouxe o conceito de ambiência e de valorização da paisagem urbana. Assim, a criação de uma identidade noturna valoriza o patrimônio cultural da cidade e agrega diferentes segmentos da sociedade em torno de um objetivo em comum.

Com relação à hospitalidade que convida a usufruir o ambiente, possível pelo incremento de luminosidade, há outros elementos para o olhar que, nas horas que se dispõe de luz natural, passam despercebidos. Como uma rua, um casario, uma praça, um sobrado, qualquer um desses elementos poderia ser ignorado pela manhã e se tornar, durante a noite, um lugar de encontro ou uma referência para o trajeto desejado. A iluminação é uma das ferramentas utilizadas para o embelezamento das cidades, além de dar segurança e facilitar a locomoção e a orientação nos períodos noturnos. Referindo-se ao modelo adotado por Lynch (2011, p.18):

Na criação da imagem da cidade, considera eficaz e útil pensar a luz no meio urbano à noite. A referência está em organizar a cidade,

unificando ambientes caóticos, destacando pontos marcantes, contribuindo para a leitura de lugares essenciais, orientando, definindo o espaço e dando substância à noite com a formação do cenário.

Mas, no caso da cidade de Santa Maria (RS), a iluminação artificial que influenciou a paisagem teve o intuito de aproximar seus moradores e visitantes em um único local, onde o olhar de todos suscitava o mesmo pensamento de encanto, de despreocupação, de espaço comum a todos. Lynch (2011, p.12) diz que *“uma vez que a imagem é um processo interativo entre observador e coisas observadas, é possível reforçar a imagem tanto através do artificial, como através da reformulação do seu entorno”*. Sendo assim, uma coisa é certa: independente do espaço analisado, a satisfação de quem observa é individual, abre-se um conhecimento transdisciplinar que integra e relaciona à hospitalidade, a paisagem urbana, a luminosidade. Desde o primeiro momento em que os seres humanos começaram a interagir com o mundo ao seu redor e a ensinar seus filhos a fazerem o mesmo, já estava havendo prática da hospitalidade e criando uma identidade pessoal com o local.

O convívio social promove a assimilação do grupo, são criações, por isso são frágeis, suscetíveis a distorções, simplificações e interpretações variando entre os indivíduos. A memória social faz parte da formação de cada lugar, pois a imagem do passado do país, compartilhada ou silenciada por seus integrantes, influencia na imagem que o grupo tem dele, mesmo no presente, e vice-versa. Sob este olhar, o convívio humano faz parte do lugar. Um das definições mais antigas de lugar foi apresentada por Aristóteles na sua obra intitulada ‘Física’. Para ele o lugar seria o limite do corpo. Alguns séculos mais tarde, na Modernidade, Descartes, na sua obra ‘Princípios Filosóficos’ busca um aprimoramento do conceito introduzido por Aristóteles afirmando que além de delimitar o corpo, o lugar deveria ser também definido em relação a posição de outros corpos (Ribeiro, 1996). Na Geografia particularmente, na corrente humanística, este conceito caracteriza-se pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente. Para os geógrafos desta corrente, o lugar é especialmente um produto da experiência humana. Segundo Relph (1979, p. 15), é *“muito mais que o sentido geográfico de localização”* e complementado por Tuan (1983, p.56), é *“um centro de significados construídos pela experiência”*. Nas palavras de Buttimer (1985, p. 228), *“lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas”*.

A História tem papel central nesta construção, pois não existe nada ou lugar algum sem cientificidade, e o que vai consolidar esta são os diversos pontos de referência (monumentos,

personagens e datas históricas, paisagens, tradições e costumes) que inserem a memória individual na coletiva, o que envolvem um processo de seleção e negociação para que haja o máximo de pontos de contato e ambas sejam construídas sobre uma base comum. Ela fundamenta e reforça a sensação de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais, gerando coesão pela adesão afetiva e não pela coerção. Neste sentido, a cidade está condicionada pelas infraestruturas presentes e suas normas de utilização. O entorno vivido é lugar de trocas, enquanto matriz de um processo de hospitalidade.

O que é necessário assinalar é que a hospitalidade não é mais um negócio de fronteiras ou de limites de um lugar. Hoje, a hospitalidade da ou na cidade, definida como um sistema de atividades, coloca-se ao longo de uma cadeia que vai do construído aos espaços públicos e às redes de infraestruturas, compartilhando a noção de atividade com a de experiência (GRINOVER, 2007).

Nas últimas décadas do século XX, a valorização do meio natural passou muito despercebida, pois estas gerações nasceram e cresceram em um espaço totalmente construído, não tendo, assim, oportunidade de perceber o seu meio natural (PALMA, 2004). Com a crescente pressão humana nos ambientes naturais e urbanos, Souto (2003, p. 343) define percepção como “*o ato de captar os diferentes tipos de estímulos do ambiente*”. É na cidade que se tornam visíveis as grandes transformações, adaptando-as a sua cultura. Como exemplo, cita-se a cidade de Gramado (RS), que introduziu as luzes aos espaços públicos e hoje é conhecida como cidade que encanta, que acolhe, não só seus moradores como também seus visitantes. A iluminação dos espaços públicos urbanos, idealizadas através de projetos mais modernos, prevê também a construção de benefícios para olhares, encantadoras obras de arte enfeitadas por luzes e cores. Ruas e esquinas, praças e comércio também se beneficiam da iluminação artificial e, nos dias de hoje, é fácil perceber nas cidades e nas pessoas a procura por lugares que ofereçam bem-estar físico, social e psicológico, principalmente quando ligados às condições que lhes ofereçam sensação hospitaleira.

A paisagem urbana é uma realidade física, composta pelas edificações e percebida, em conjunto ou detalhe, pelos moradores ou usuários da cidade. É uma interação do homem com a paisagem, com a hospitalidade sendo ele um espaço natural ou um fabricado, como o apresentado durante o Natal de 2011.

As criações de ações que valorizem a paisagem provocam a integração, a mobilidade e a mobilização dos cidadãos em prol do espaço físico. Essa mobilização é sempre dotada de uma

intencionalidade, que na corrente humanística é entendida como a consciência que estará sempre dirigida a um objeto peculiar à vivência humana. A topofilia, termo especialmente estudado por Tuan (1983) refere-se aos vínculos de afetividade que o homem estabelece com o lugar.

Os cidadãos que se utilizam do espaço urbano, denominados usuários são pessoas e estão dotados por uma intencionalidade. O espaço urbano é o lugar criado para os propósitos humanos, sua sobrevivência e felicidade e nele estabelecem, portanto, vínculos de afetividade ou não.

Metodologia

A metodologia foi embasada na revisão bibliográfica e na perspectiva da pesquisa qualitativa, de caráter empírico. A abordagem conceitual da paisagem urbana e da hospitalidade foi realizada na perspectiva geográfica e social, a partir das obras clássicas e contemporâneas, especialmente, de Milton Santos, Kevin Lynch e Lúcio Grinover. A leitura e a interpretação empírica da paisagem foi efetivada por meio da observação direta e participante, por registro visual e fotográfico. A análise da paisagem, sua subjetividade na construção da hospitalidade e a interpretação do sentimento de identidade e de pertencimento foram embasadas nas principais referências de opinião pública que remetem aos principais jornais da cidade e a autores específicos sobre a iluminação artificial, no período do Natal-2011, na cidade de Santa Maria (RS). Assim, foram realizadas leituras, pesquisas e buscas nos meios de informação da mídia escrita, (Jornal Diário de Santa Maria e Jornal A Razão), e da seleção de trechos interpretados e transcritos a partir destes veículos formadores de opinião.

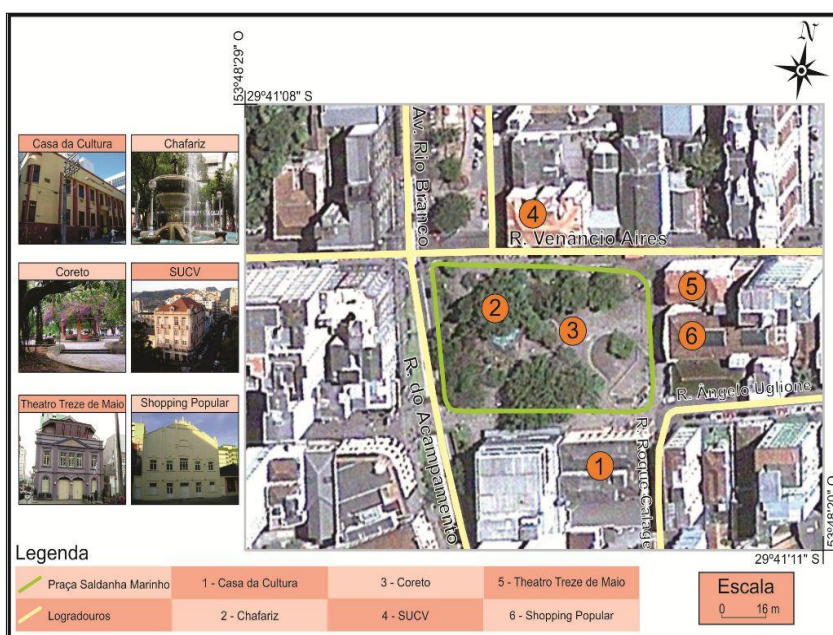
Na perspectiva da pesquisa qualitativa, foi considerado que o mundo é socialmente construído através de diferentes formas de conhecimento: do conhecimento cotidiano à ciência e à arte como diferentes “modos de concepção de mundo”.

Para desenvolver a análise qualitativa, partiu-se da premissa de que a iluminação pública urbana é um importante componente nos projetos de reformulação dos espaços, que visam ao embelezamento da cidade, revigorando o espaço e privilegiando o desencadeamento da prática da hospitalidade.

Para tanto, esta análise procurou determinar a influência da iluminação artificial na interação do espaço urbano com a população na Praça Saldanha Marinho e seus arredores

(figura 1), evidenciando locais históricos e representativos no imaginário coletivo. Esses locais constituirão os objetos observados a partir da introdução da luz artificial no Natal de 2011.

Figura 1: Praça Saldanha Marinho e arredores, evidenciando locais representativos na história e no imaginário coletivo da população santa-mariense.



Fonte: Google outubro 2011 (adaptado).

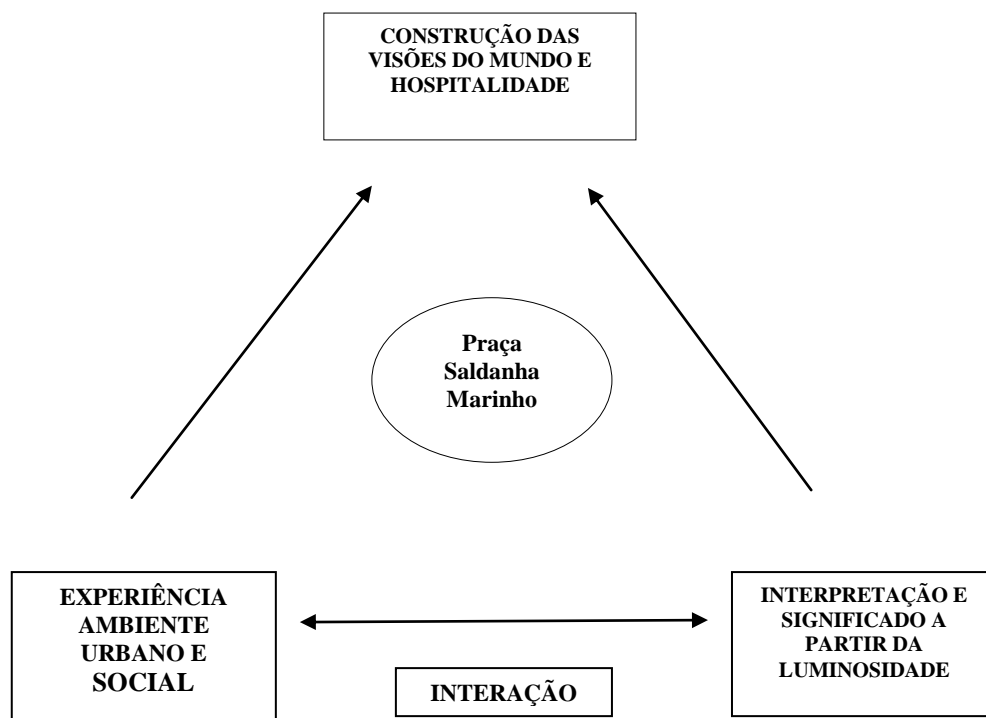
A análise buscou a investigação dos elementos descritivos, qualitativos, interpretativos, vividos em contexto social e cultural local, a partir dos objetos observados, com ênfase à luminosidade artificial que admite sensibilidades na forma de como as imagens e os objetos são percebidos. A pesquisa qualitativa permite a identificação sensitiva ao reconhecer que um objeto de pesquisa poderá ser investigado a partir de vários olhares e sensações. Flick (2009) afirma que um dos aspectos básicos desse método é considerar a pesquisa como material empírico e recomenda a técnica mimese, que na pesquisa qualitativa é a concepção de mundo, no qual os indivíduos o assimilam através de processos miméticos.

Flick (2009, p. 86) entende que a mimese:

Possibilita que os indivíduos saiam de si mesmos, tracem o mundo exterior dentro de seu mundo interior e dêem expressão à sua interioridade, cria uma proximidade, de outra maneira inalcançável, com os objetos, sendo essa uma condição necessária da compreensão.

Assim, segundo Flick (2009), a pesquisa qualitativa, por meio da técnica da mimese permite a análise dos diferentes modos de concepção de mundo e dos esforços construtivos dos participantes em sua vida cotidiana. A (figura 2) demonstra o ciclo da elaboração da pesquisa a partir das interpretações e das percepções da paisagem relatadas em textos e retratadas em imagens. Uma vez textualizadas, é possível novamente interpretá-las, formando um ciclo entre experiência, construção e interpretação.

Figura 2. A hospitalidade como interação entre a paisagem e luminosidade



Adaptado de Flick, 2009, p. 86

Inicialmente, têm-se os eventos que os indivíduos observam, a partir da experiência na paisagem, e sua interação com a interpretação e os significados atribuídos nas visões de mundo e na construção da hospitalidade.

A mimese possibilita que os indivíduos saiam de si mesmos, tracem o mundo exterior dentro de seu mundo interior e deem expressão à sua interioridade, às diferentes visões de mundo. A interpretação e as visões de mundo devem ser consideradas como objetos de cunho sensorial e estético. Sendo assim, deve-se reconhecer que a visão é essencial para que a percepção das paisagens não se limite a receber passivamente os estímulos externos, mas os organiza para lhes atribuir sentido. A mimese traz como contribuição no trabalho de pesquisa

uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo, capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos estudados.

Assim, neste estudo, as interpretações foram realizadas levando-se em conta a ação mimética, a concepção prévia da paisagem urbana e a hospitalidade, nas festividades desencadeadas pelas luzes natalinas, em 2011, na Praça Saldanha Marinho e seu entorno. Segundo Flick (2009, p. 54) a ação “*envolve a intenção de expor um mundo simbolicamente produzido de tal forma que ele seja visto como um mundo específico*”. Onde cada um terá uma interpretação de sentimento diferente e compreender o todo também de forma diferente.

Resultados e discussões

A luz artificial é um elemento de transformação dos territórios e pode contribuir para a construção de novas paisagens e para a qualificação dos espaços, criando ambientes adequados à funcionalidade urbana. Pode, ainda, consolidar-se como um instrumento de considerável influência no imaginário e nas relações interpessoais, em ambientes públicos, e favorecer o convívio e a hospitalidade.

A análise da paisagem da Praça Saldanha Marinho, no período do Natal-2011, a partir de buscas nos meios de informação da mídia escrita (Jornal Diário de Santa Maria e Jornal A Razão), sustenta a constatação de que a introdução da luz artificial no logradouro central da cidade desencadeou um imaginário coletivo para a construção da hospitalidade e dos sentimentos de identidade e de pertencimento da população em relação à sua cidade.

Pelo consenso da população local, esta constatação se manifestou, de forma presencial, em famílias, em grupos de amigos e em visitantes da região para prestigiar o Advento e a festa natalina, consagrados pela mensagem de esperança, na Praça Saldanha Marinho, simbolizada pela inserção da luz artificial no mobiliário já existente e em objetos específicos e alusivos à espiritualidade natalina.

A decoração luminosa, por atingir e envolver toda a população santa-mariense, formou uma dinâmica espacial específica, derivada das humanidades de conviver com hospitalidade no espaço da Praça, e ganhou repercussão ampla na imprensa. Os editoriais foram expressivos; as opiniões manifestadas, na mídia escrita de Santa Maria, por representantes de todos os setores e classes sociais da cidade, foram, igualmente, significativos na reafirmação do espaço público urbano para a convivência de todos os cidadãos. Santa Maria, para Maria

Rita Py (2011), “*no final da tarde de 22 de dezembro fervilhava de pessoas e de calor insuportável*”. Porém, na análise da paisagem percebida pela cidadina, e que se partilha, é que com o consenso da população local, esta constatação se manifesta:

[...] Na Saldanha Marinho, apesar do vento forte, algumas pessoas já se acomodavam nos bancos, procurando os melhores lugares para o show de corais a acontecer nas sacadas do Paço Municipal. O espírito natalino, aliado à bela decoração de Natal e à programação que está sendo realizada, tem mobilizado a população local para ir ao Centro passear, como também registrar esses momentos por meio de fotos ou filmagem [...] (Maria Rita Py Dutra - Diário de Santa Maria, em 31 de dezembro de 2011).

A paisagem iluminada da Praça, sob o olhar da professora Elsbeth Becker (2011), contribuiu, de forma decisiva, para a possibilidade de criação de laços de identidade entre as pessoas e a cidade de Santa Maria, quando mencionou que:

[...]“ A luz artificial transformou-se num instrumento que permitia dar visibilidade e novos significados às paisagens noturnas. Contribuiu, de forma decisiva, para campanhas de publicidade, para valorização de monumentos, de arquiteturas e de espaços públicos. Desempenhou, também, papel importante na possibilidade de criação de laços de identidade entre as pessoas e os lugares onde habitam, por meio de eventos culturais, especialmente aqueles que mexem com o imaginário e a emoção das pessoas. A cidade de Santa Maria, com suas luzinhas de Natal, mexeu com o imaginário e com a emoção dos habitantes, que criaram laços de identidade e de emoção com a sua cidade. E isso faz um magnífico efeito. Juntos, luzes e habitantes formam um espetáculo grandioso no Natal de 2011 em Santa Maria.” (Elsbeth Leia Spode Becker – Diário de Santa Maria, 28 de dezembro de 2011).

As razões podem ser muitas e de diversas ordens. O que se pode perceber, todavia, é que a paisagem da Praça, ao ganhar um novo atributo, (a luz artificial), despertou no imaginário o sonho e a esperança, vestindo a paisagem da cidade de hospitalidade.

A mudança percebida por Lúcio Gaiger (2011), que assim se manifestou com relação à iluminação:

[...] “A belíssima decoração de Santa Maria neste Natal, além de encantar a cidade, proporcionou à população de Santa Maria um resgate de mais de 35 anos: a Avenida Rio Branco e a Praça Saldanha Marinho, tão desprezadas durante anos. Ver novamente as famílias, as crianças, os casais passeando, curtindo, sorrindo, caminhando à noite

com toda a segurança, em um cenário inimaginável há pouquíssimo tempo atrás, não tem preço. Sem falar na quantidade de pessoas que se envolveram na elaboração da decoração, encarando um desafio imenso, fazendo a gente acreditar em uma nova mentalidade de Santa Maria [...] (Lúcio Gaiger, Diário de Santa Maria, 18 de dezembro de 2011).

Os traços semelhantes nas declarações que evidenciam a paisagem da Praça com a sensação de pertencer à cidade culminam com a análise feita por Grinover (2007), quando fundamenta e reforça que o pertencimento é gerado pela coesão e pela adesão afetiva em torno de uma causa ou de um elemento da paisagem (ou mesmo a paisagem como um todo) e não pela coerção. Neste sentido, a Praça foi condicionada pelas infraestruturas presentes e suas formas de utilização, mas o imaginário, a emoção e o sentimento de pertencimento ao lugar foram elaborados pelos habitantes. A Praça e seu entorno vivido foi um lugar de trocas, enquanto matriz de um processo de hospitalidade.

A hospitalidade da ou na Praça, definida como um sistema de atividades, efetivou-se ao longo de uma cadeia e foi construindo um espaço público de interação, compartilhando a noção de atividade com a de experiência e de visão de mundo. No ponto de vista da colunista Neuza (2011):

[...] “As pessoas interiorizam sonhos e, a cidade, ao se vestir de luzes, trouxe o símbolo da esperança e contribuiu para momentos de alegrias e de celebrações a cada dia”. (Neuza Manzke Hoemke, Diário de Santa Maria, 18/12/ 2011).

Flick (2009), reforça a ideia de que trabalhos que realizam a pesquisa qualitativa permitem a investigação sobre o objeto de investigação a partir de vários olhares, segundo os quais conforme o autor, demonstram que novas interpretações possibilitam inferir sobre situações que envolvem seres humanos e suas relações sociais, evidenciando as emoções que elaboram no imaginário. A Praça, a luz artificial e os enfeites de natal trouxeram um sentimento de pertencimento ao lugar, da população para com a cidade, e uma sensação de cordialidade e de hospitalidade, evidenciada nos deslocamentos maciços das pessoas em direção à Praça figura (3a e 3b)

Figura 3: (3a) A paisagem noturna da Praça Saldanha Marinho e (3b) a interação da população com os significados da luz artificial na decoração natalina. Em 18 de dezembro de 2011.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

A relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar, no caso a Praça, só ocorre em virtude de estes só se voltarem para ele munidos de interesses pré-determinados, ou seja, dotados de intencionalidade. O lugar é, então concebido como um produto da experiência humana e significa, segundo Relph (1979, p. 15), “*muito mais que o sentido geográfico de localização*” e, complementado por Tuan (1983, p.56), “*é um centro de significados construídos pela experiência*”. Nas palavras de Buttimer (1985, p. 228), “*lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas*”.

Cada cidadão tem determinadas associações com partes da cidade, e a imagem que ele faz delas está impregnada de memórias e significados.

As praças historicamente têm o papel de reunir pessoas para lazer, comércio ou manifestações culturais, e sua natureza e seus equipamentos podem ser realçados pela iluminação, conforme transparece no entendimento de Igor (2011).

[...] “Sendo a humanização nossa primeira necessidade social, penso ser de relevância um pensar diferenciado, com atitudes solidárias para uma reorganização social, que nos leve a termos princípios de condutas éticas, para a construção de um espaço público de paz, de respeito mútuo e solidário. O Natal foi feito para celebrarmos o nascimento de um homem que mudou a história da humanidade e que influenciou os povos da sua época, e até hoje influencia pessoas de varias partes do mundo, tentando uni-los e desfrutar em harmonia os mesmos lugares ”[...] (Igor Ribeiro- Diário de Santa Maria, 18 de dezembro de 2011).

A Praça Saldanha Marinho e o seu entorno trazem, seu contexto, os bancos, as árvores, o chafariz, a avenida, os prédios, as pessoas, entre outros, que constituem elementos da paisagem usufruída por centenas de pessoas todos os dias, embora distintas.

A paisagem apresenta escalas e varia, dependendo do local onde se está, bem como o tempo que ali se está, pois ela é uma sobreposição de momentos diferentes em vários estágios da história. Quantas pessoas observaram uma mesma cena! Como preconiza Santos (1997, p. 48), *“as cidades são criadas para a economia e não para os cidadãos, porém, em determinados momentos, ela mobiliza grandes multidões pelos mais diferentes fatos”*. A afirmação do autor é evidente nas demarcações das ruas e dos prédios, na delimitação dos espaços das árvores e das casas, na redução do espaço público e da natureza, além do anonimato entre as pessoas. Estas características tornam a cidade cada vez mais funcional, o que contribui diretamente para o individualismo, que é rompido em momentos específicos, como nas festividades do Natal-2011 (figura 3a e 3b), no qual as pessoas estão mais suscetíveis à espiritualidade, à esperança, às emoções e às recordações. Os sentimentos individuais formam uma coesão coletiva e uma interação com o mobiliário urbano da Praça, e esta assume o conceito de paisagem que, segundo Santos (1997), *“não é mais apenas o aspecto visível, mas também o sentido e o vivido”*.

As luzes natalinas introduzidas na paisagem da Praça consolidaram a perspectiva da importância da iluminação artificial no cotidiano da cidade, do espaço público e na vida das pessoas. Os depoimentos e as imagens sinalizam para o enfoque da necessidade da valorização dos espaços públicos e, assim, proporcionam a apropriação territorial e a interação social dos cidadãos. E, sob este prisma, não resta dúvida, de que a paisagem é formada não só por volumes, mas cores, movimentos e sons. Ela é, também, o conjunto daquilo que se vê e se sente, é a percepção causada no espectador. A sensação estabelece, então, um sentimento de identificação do espectador com o lugar. A identidade se dá, normalmente, pelos pontos que identificam as pessoas com o lugar onde elas estão.

O sentimento de identificação com o lugar, quando expresso em depoimentos, denota a incorporação do mobiliário urbano ao imaginário, uma vez que expõe opiniões sobre as condições funcionais, estéticas e ambientais da cidade. Pode-se inferir, portanto, que a população santa-mariense elaborou uma identidade com a da Praça Saldanha Marinho, por meio de uma visão na qual assimilou os sentimentos do seu mundo interior e criou uma aproximação com as imagens da Praça, interligando sentimento e paisagem. Assim, as

condições funcionais do mobiliário da Praça (figura 4a) ganham um novo sentido e são capazes de contribuir com momentos de plena satisfação e bem estar, como lembra o estudante de Jornalismo, Felipe (2011), quando expressa que a cidade (figura 4b) ficou mais bonita e isso remete suas emoções ao passado, para a infância, de sentimentos de espiritualidade e de amor.

[...] É nesta época em que os prédios, ruas e calçadas ficam mais bonitas com suas decorações, que o nosso coração de pedra amolece e nos tornamos mais solidários com o próximo. Lembro da época em que, quando criança, toda vez que chegava dezembro, ficava ansioso para desempacotar o presépio, os enfeites e o pinheirinho. Existia uma magia no ar que explodia a todo o vapor. E é ela que hoje me faz lembrar da criança feliz que existe dentro de cada um de nós, do espírito puro de amor que carregamos. Há os que digam que é mais uma data como qualquer outra. Pura besteira de quem ainda não descobriu a energia pulsante desse momento único do ano”. (Felipe de Barros da Rosa, Jornal A Razão, 24 de dezembro de 2011).

Figura 4: (4a) A paisagem noturna da Praça Saldanha Marinho e (4b) vista aérea noturna parcial da Praça e do início da Avenida Rio Branco. Em 18 de dezembro de 2011.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

A partir da percepção e da consciência individual e coletiva sobre a mudança ocorrida na paisagem urbana, no período de dezembro de 2011, em função da iluminação artificial, pode-se inferir, ainda, que a sensação de segurança é percebida nas relações sociais e na alegria. Nas palavras do psicólogo Caio Gomes (2011), as pessoas se referem ao centro de Santa Maria com alegria, pois este “*está natalizado*”. Segundo ele, a população se mobiliza para lugares onde possa haver determinada segurança, pois o sentimento de segurança, desde os tempos remotos, era propiciado pela luz, pois lugares na penumbra causam insatisfação e medo, afastando a hospitalidade.

[...]”O centro de Santa Maria está *natalizado* com enfeites e alegorias dependurados em árvores da praça central e nas dos canteiros da Avenida Rio Branco. Em horários propícios, a população, encantada, desfruta os adornos avermelhados, que durante o dia possuem uma tonalidade aveludada e que, durante a noite, brilham tornando-se dourados o que da muito mais brilho. Os aplausos animados são decorados com a sonoridade cadenciada pelas explosões das baterias de foguetes alimentando a alegria popular. Festividades se tornam comuns no centro da nossa cidade e em grande parte das nações mundiais, com a aproximação das datas natalinas. O clima do Natal acaba por tomar conta das relações sociais, e, neste ano, a cidade de Santa Maria foi a personagem grandemente presenteada, estava bonita. É a opinião e o orgulho de grande parte da população, que estava desfrutando do centro da cidade, vendo-o pronto para receber os natalinos. (Caio César Gomes, Jornal A Razão, em 13 de dezembro de 2011).

Segundo Grinover (2007), o que se espera da hospitalidade de um local é que esteja ligado as atitudes pessoais, sendo traduzida por palavras como: respeito, atenção, boa vontade, interesse, educação, atitude positiva das pessoas para com os espaços comuns.

Assim, Tuan (1983) afirma que há uma estreita relação entre sujeito e objeto, proporcionada pela experiência e pelo tempo e reconhece que o senso de lugar raramente é adquirido pelo simples ato de se passar por ele. Bons exemplos deste tipo de relação são constatados nos depoimentos escritos que remetem os seus autores às lembranças e as relacionam com momentos que estavam guardados no seu imaginário. O brilho das luzes artificiais fez com que percebessem, com os olhos, as sensações do corpo e, assim, dar novas perspectivas ao mobiliário da Praça. Com suas visões de mundo, dar-lhes vida, torná-los funcionais durante a maior parte do dia, mas ao mesmo tempo torná-los calorosos e atrativos durante a noite, criando sensações de pertencimento, de reconhecimento, dando novos sentidos para a apropriação e promovendo uma (re)leitura do território. A percepção de mundo e a visão de mundo são as experiências contextualizadas. Elas são parcialmente pessoais e, em grande parte, sociais e influenciam no lugar, conforme percebidas por Elton Engres (2011), que relaciona a iluminação artificial natalina com a cultura dos imigrantes alemães:

“A influência alemã na formação do povo gaúcho, que teve início com a chegada dos imigrantes e com a colonização há 187 anos, contribuiu para o desenvolvimento cultural e religioso do Estado. Os alemães caracterizaram-se, desde logo, pela ênfase às atividades de caráter

associativo, construindo seus povoados assentados no tripé igreja escola, clube, mantidos pela comunidade. A primeira notícia que se tem a respeito da instituição do costume de ornamentar a árvore de Natal data de 1605, na cidade de Strasburguer. A religiosidade fez com que os teutos introduzissem no Rio Grande do Sul o costume de ornamentar a árvore de Natal, geralmente um pequeno pinheiro natural, é erguido e as famílias se reúnem. Atualmente, muitas festas estão ganhando destaque no Rio Grande do Sul. Os fundamentos e valores que vieram nas malas dos imigrantes foram aprimorados e disseminados aqui por esses europeus vêm ultrapassando gerações e só têm a acrescentar na história do Rio Grande do Sul. Na nossa comunidade, o Centro Cultural Alemão 25 de Julho de, Júlio de Castilhos, tem procurado pesquisar e trazer ao conhecimento um pouco dos costumes e da cultura teuto-brasileira, bem como sua influência no Rio Grande do Sul. A todas as famílias, nosso desejo de uma “Stille Nacht” (Noite Feliz) e um Fröhliche Weihnachten! (Feliz Natal). (Elton Elmar Cechinel Engres, Diário de Santa Maria em 26 de novembro de 2011).

A percepção espacial está fortemente vinculada à paisagem como a principal categoria de análise, e tem nos sentidos cognitivos de quem a observa o seu principal apelo perceptivo. Assim, a percepção ambiental permite, também, incluir a história e a tradição nas cidades, fazendo delas uma propriedade fisionômica da paisagem e de construção do futuro, uma vez que ambas têm a importante função de não criar somente uma certa ordem ou algo parecido a uma estrutura social, mas também de propiciar alguma possibilidade a mais sobre o qual se possa atuar, que possa criticar e mudar a partir da nossa visão e da percepção.

Assim, a revitalização de espaços sob os efeitos das luzes ganha novas interpretações no imaginário das pessoas. A mídia e, principalmente, o registro e a discussão acadêmica tornam-se fundamentais no resgate das opiniões sobre as condições funcionais, estéticas e ambientais da Praça. Eles corroboram a identificação da forma visual em ambientes urbanos no qual as luzes artificiais favorecem o convívio e fazem com que as populações se apropriem e utilizem determinadas áreas como as praças públicas. Estes espaços específicos são marcados, geralmente, pela memória de acontecimentos do passado e por novas relações, desencadeadas, muitas vezes, por meio de revitalizações e iluminações artificiais executadas pela gestão pública. Elas promovem e geram uma atratividade do local, não apenas para aqueles que ali vivem, mas também para os que residem nos bairros e para quem vêm de fora, os visitantes.

Lynch (2011) esclarece que a cidade, sem dúvidas, apresenta diversas identidades, de vários modos, conforme se pode perceber nos mais diferentes pontos de vista, com relação à

iluminação artificial sobre a paisagem urbana no entorno da praça. Ainda, há uma necessidade de construções que criem ambientes históricos novos, mas adaptados das velhas formas, como se pode perceber na mistura do antigo com o novo na Praça Saldanha Marinho, ou seja, a arquitetura existente que preserva a história da Praça e da cidade e que recebeu adornos e luz, mas não descaracterizou a arquitetura e a memória, apenas realçou seus prédios, suas árvores e os objetos que compõem este espaço, como evidencia a figura 5 (5a e 5b).

Figura 5: (5a) Prédio da Sociedade União dos Caixeiros Viajantes (SUCV) durante o dia e (5b) Prédio da SUCV iluminado pelas luzes natalinas. Arquitetura e memória histórica e os adornos do imaginário natalino.



Fonte: arquivo pessoal das autoras.

A paisagem não é estática; ela deve ser considerada como um conjunto indissociável de arranjos de objetos geográficos, de objetos naturais e de objetos sociais.

Há também, a vida, “a sociedade em movimento”, pois são os movimentos que a fazem não ser estática e ser percebidas de forma diferente ao longo do dia ou da noite. Assim, “a paisagem cultural é a paisagem que nasce da expressão cultural humana de agir sobre a área” (SANTOS, 2006, p. 107).

A análise e a reflexão deste estudo propõem que se considere, em consonância com Santos (2006, p. 30), a respeito de uma “*Geografia da vida*”. De acordo com o autor, a “*Geografia da vida jamais será estática, porque, partindo da razão e da emoção, incorpora todas as modalidades do encontro com o futuro*”. Desta forma, a topofilia da Praça Saldanha Marinho, evidenciada neste trabalho, diz respeito ao sentimento despertado pelo espaço apropriado, da convivência e da felicidade. Em Geografia, a topofilia é uma influência do humanismo que está amparada pela concepção existencial do espaço afetivo, terno e seguro.

Recomendações aos planejadores, administradores e usuários

Compete aos administradores e planejadores das cidades dotá-las de espaços seguros e de uso comum, de qualidade para o lazer, o descanso e o convívio entre os cidadãos, com vistas para a promoção da vida, da cultura e da sustentabilidade de todas as espécies.

Cabe aos moradores da cidade usar o espaço urbano por meio de práticas saudáveis de atividades e, assim, territorializar o espaço público para a prática do encontro, da cultura e do lazer.

A partir da introdução da luz artificial nos espaços e considerando os resultados obtidos neste trabalho, pode-se fazer algumas inferências partindo da premissa de que a luz artificial pode ser um instrumento de transformação dos territórios, contribuindo para a construção de novas paisagens. Assim, recomenda-se aos planejadores, administradores e aos cidadãos:

- Intervir na requalificação dos espaços, criando ambientes adequados à funcionalidade, como:

- a) iluminar edifícios para revelar o patrimônio, valorizando sua materialidade e sua história;
- b) iluminar espaços públicos conviviais como parque e praças, para torná-los seguros e funcionais e, também, dotá-los para o acolhimento;
- c) iluminar espaços comerciais de forma discreta, criando uma ambiência alegre e festiva; e
- d) iluminar pontos altos como prédios, caixas de água, torres e monumentos, para criar um referencial para assinalar o território e auxiliar na orientação.

- Intervir em situações negativas, de criminalidade, promovendo planos de iluminação para valorizar espaços em dificuldade.

- Criar sentimentos de pertencimento, dando novos sentidos aos lugares e para a apropriação dos territórios por meio da utilização das mudanças da luz e de cores.

- Criar objetos qualificadores dos territórios e promover eventos de luz, associando a arte e a leitura.

Recomendações para futuras pesquisas

A Geografia Cultural poderá constituir-se em uma área de interesse de investigação de professores e estudantes de Geografia no município de Santa Maria e em municípios

vizinhos. Ainda são poucos os estudos que, efetivamente, podem ser caracterizados como focalizados fundamentalmente em um aspecto da cultura em sua dimensão espacial.

A região central do Rio Grande do Sul é uma área culturalmente heterogênea e, por isso, indicam-se alguns temas para investigação, na esperança de que é necessário aos profissionais da Geografia ampliem a sua contribuição para a compreensão da organização espacial e cultural de Santa Maria.

Os temas sugeridos para futuras pesquisas são os seguintes:

- I. O caráter simbólico dos prédios, monumentos, praças, ruas e bairros para os diferentes grupos sociais, étnicos e religiosos.
- II. As diversas manifestações religiosas em sua dimensão espacial, como se exemplifica com as romarias ao Santuário da Medianeira, dominante, e as outras tantas formas de expressões sagradas e profanas.
- III. A variação espacial dos diferentes modos de falar, gênese, dinâmica e significado.
- IV. A cultura popular em suas múltiplas manifestações e variação espacial.
- V. A arte cemiterial e sua relação com a origem étnica, religiosa e/ou modismos de épocas.
- VI. A percepção e a variação ambiental por parte dos diversos grupos sociais em relação à natureza e aos ambientes socialmente produzidos.
- VI. A ruralidade dos distritos como produto e, simultaneamente, como matriz cultural da imigração.
- VII. A ruralidade dos distritos, estabelecendo-se comparações entre paisagens pouco ou muito transformadas pela modernização do campo.
- VIII. A memória viva da ferrovia e o caráter simbólico dos prédios e dos monumentos remanescentes e as novas funções urbanas.
- XIX. A geografia da luz nos monumentos e nos prédios históricos e a valorização do espaço.
- X. A (re)territorialização dos espaços públicos e privados a partir da revitalização e do significado simbólico e do resgate da identidade e do pertencimento.
- XI. Os diferentes usos e abusos dos espaços públicos e privados: a ética e a cidadania.
- XII. Antropologia urbana no centro de Santa Maria: analogias, encontros e relações.
- XIII. A caracterização e delimitação, nos distritos, de áreas de enclaves, num contexto de difusão de uma cultura com características globais.

Estas são algumas ideias e indicações para investigação. Os estudantes, ao longo do curso, saberão descobrir outros mais que merecerão a atenção e o cuidado de uma descrição à luz da investigação acadêmica e do rigor metodológico.

Conclusões

Na perspectiva da pesquisa qualitativa, constatou-se a premissa de que a introdução da iluminação pública urbana, com as cores do Natal, na Praça Saldanha Marinho e seu entorno, foi um importante componente desencadeador para o convívio da população em suas múltiplas expressões sociais e culturais. A luz e o imaginário coletivo revigoraram o espaço e incentivaram a prática da hospitalidade.

Foi possível confirmar a influência da iluminação artificial na interação do espaço urbano com a população na Praça Saldanha Marinho e seus arredores, evidenciando locais históricos e representativos no imaginário coletivo. Esses locais constituíram os objetos observados a partir da introdução da luz artificial no Natal de 2011 e, nesse sentido, percebeu-se a forte interação entre luz artificial, população e hospitalidade urbana, bem como a construção de uma identidade de pertencimento elaborada pelo habitante local.

A luz artificial e os adornos natalinos que “vestiram” as árvores da praça criaram obras sugestivas e originais para a cidade e estimularam, na população, a apropriação noturna da Praça durante o período natalino de 2011. Dedicar uma grande iniciativa urbana ao tema da luz e do Natal assenta a ideia de que a luz e a iluminação são fatores de realização humana, de urbanidade e de qualidade de vida.

O evento de luz e os adornos natalinos formaram o pretexto para uma redescoberta do espaço central da cidade, das suas virtualidades e das suas potencialidades. A luz tornou-se estruturante no cenário da praça, e a arte natalina um acontecimento de comunicação em um território de experimentação coletiva, de encontro, de diálogo, de convivência, de fusão de públicos e de sentimentos de identidade e de pertencimento da população em relação à cidade de Santa Maria.

A luz artificial significou a renovação simbólica e ambiental da cidade, integrando públicos de qualidade vivencial e contribuindo para uma autoimagem positiva e integradora de Santa Maria, sua população e, também, da população de seus distritos e dos municípios vizinhos.

Referências

- BECKER, Elsbeth Léia Spode. Um espetáculo grandioso. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, p. 2, 28 de dezembro de 2011.
- BELÉM, João. **História do Município de Santa Maria 1797-1930**. 3ª. Ed. Santa Maria: UFSM, 2000.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha, a metáfora da condição humana**. 40ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BUTTNER, Anne. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel. 1985.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Arquitetura e Urbanismo. Editora 70 LDA, Lisboa Portugal, 1971.
- DUTRA, Maria Rita Py. Espírito natalino. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, p. 2, 31 de dezembro de 2011.
- ENGRES, Elton Elmar Cechinel. Noite feliz. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, p. 2, 26 de novembro de 2011.
- FIORI, Sérgio Ricardo. Confeção de mapas para o turismo: a “leitura” e as expectativas do público alvo. **Imaginário**, n. 9, p. 253-270, 2003.
- FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed. 2009.
- GAIGER, Lúcio. Cenário de luz. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, p. 2, 18 de dezembro de 2011.
- GOMES, Caio César. Está natalizado. **A Razão**, Santa Maria, p. 5, 13 de dezembro de 2011.
- GRINOVER, Lucio. **A hospitalidade, a cidade e o turismo**. 1ª. ed. São Paulo: Alpeh, 2007.
- HOEMKE, Neuza Manzke. Opinião. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, p. 8, 18 de dezembro de 2011.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- PALMA, Ivone Rodrigues. **Percepção ambiental da comunidade educativa da UFRGS**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2004. <http://hdl.handle.net/10183/7708> acesso em 12/04/2012.
- RELPH, Edward Charles. **As bases fenomenológicas da Geografia**. São Paulo: Hucitec. 1979.

RIBEIRO, Igor. Humanização. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, p. 2, 19 de dezembro de 2011.

RIBEIRO, Wagner Costa. **Do lugar ao mundo ou o mundo no lugar?** In: Terra Livre. ABG, 11-12:237-242.

ROSA, Felipe de Barros da. Criança Feliz. **A Razão**, Santa Maria, p .4, 24 de dezembro de 2011.

SANTOS, Milton. **Espaço do Cidadão**. 3.ed. São Paulo: Nobel, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia Nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 4ª ed. São Paulo: Edusp. Editora, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SOUTO, Antônio. **Etologia**: Princípios e reflexões. 2ª ed. Recife: UFPE. 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel. 1983.